



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

NAYARA SENA OLIVEIRA

**Narrativas de Idosos e suas Experiências na Educação de Jovens e
Adultos (EJA) na: E.E.E.F.M. Augusto Olímpio no Município de Belém-PA.**

Castanhal - Pará

2017

NAYARA SENA OLIVEIRA

Narrativas de Idosos e suas Experiências na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na: E.E.E.F.M. Augusto Olímpio no Município de Belém-PA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia do Campus de Castanhal da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado Pleno em Pedagogia, só orientação da Prof^a Dr^a Natália da Rocha Leite.

Castanhal – Pará

2017

NAYARA SENA OLIVEIRA

Narrativas de Idosos e suas Experiências na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na: E.E.E.F.M. Augusto Olímpio no Município de Belém-PA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia do Campus de Castanhal da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Natália da Rocha Leite
(Orientador)

Profº. Dr. Sérgio Bandeira do Nascimento
(Membro)

Profª Msc. Marcella Cristina Ever de Almeida
(Membro)

Castanhal-PA

2017

Primeiramente a Deus que está sempre comigo, em minha caminhada, me abençoando e me protegendo. E, a minha mãe que é minha base, e de onde eu tiro as minhas forças para continuar na caminhada perseverando e acreditando, que no final tudo dará certo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me ajudar nessa caminhada, por te me abençoado e ter me permitido a conclusão deste sonho. Pela interseção de N.S. de Nazaré, que a tanto agradeço por tudo.

Agradeço a minha mãe por ter me concedido o dom da vida, por ter sido meu alicerce e ter me dado tanta força e apoio, nestes longos cinco anos de faculdade e por todo apoio que me deu na vida toda para que eu chegasse até aqui vitoriosa por mais uma conquista, e nunca ter desistido de mim.

Agradeço a cada um dos meus familiares sendo estes avós, tios e primos, que me ajudaram de forma direta e indiretamente, nestes cinco anos de faculdade.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dr^a Natalia Leite, que foi de grande importância nesta etapa do curso, incentivando-me e mostrando-me cada passo que deveria ser dado para a elaboração de um trabalho de qualidade.

Agradeço as minhas amigas que fiz durante os cinco anos de faculdade, Bruna Nayana, Beatriz Caldas, Luana Santos, Cleiciane Sousa, Priscila Pinheiro, Antonia Silmara, Ohana Nakano, Aline Araújo que foram de grande importância para a construção dos meus conhecimentos, que foram participantes diretas na minha caminhada, me apoiando e me dando forças nas horas difíceis.

Agradeço as minhas coordenadoras e amigas de trabalho, Eulália Vieira, Sidclay Furtado e Sabrina Rodrigues, por todo o ensinamento e aprendizagem adquirido durante o tempo que convivi com elas.

Agradeço ao Luis Felipe Silva, por ter toda a paciência comigo, e me incentivar para que enfim concluísse essa etapa na minha vida.

Agradeço aos meus amigos do grupo da igreja, que me motivam e incentivam a continuar na caminhada junto a Cristo.

Agradeço a gestão da escola na qual realizei a minha pesquisa, e aos alunos que participaram gentilmente, para que a minha pesquisa tivesse êxito.

Agradeço a Universidade Federal do Pará pela oportunidade de eu poder concretizar este sonho. Foi um enorme prazer ter feito parte da história dessa instituição.

Aos professores que participaram e proporcionaram-me um grande aprendizado neste longo caminho, enfim, que me apresentaram a conhecimentos que levarei comigo por toda a minha vida.

Obrigada a todos!

“Para realizar grandes conquistas,
devemos não apenas agir, mas também
sonhar, não apenas planejar, mas
também acreditar”. (Anatole France).

RESUMO

O presente estudo visa abordar a memória e experiências de idosos na Educação de Jovens e Adultos, para conhecermos suas trajetórias e os motivos que os levaram a voltar a estudar. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a memória e as experiências destes idosos da EJA para compreender suas trajetórias educacionais e pessoais, e também entender as dificuldades, as expectativas que estes alunos enfrentam na sala de aula, e a importância da modalidade de EJA para estes sujeitos. A pesquisa foi desenvolvida numa instituição de ensino da rede pública Estadual de Belém do Pará, em salas de aula que tinham alunos idosos frequentando regularmente as turmas da EJA, na faixa etária entre sessenta (60) e sessenta e nove (69) anos de idade. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Nas narrativas apresentadas, esses idosos puderam se expressar com mais liberdade, o que levou a um entendimento maior quanto às suas memórias. As entrevistas serviram para auxiliar no embasamento teórico e ampliar as reflexões e compreensões sobre o tema apresentado. Os resultados foram de acordo com a perspectiva de proposta da pesquisa, pois os idosos narraram suas trajetórias escolares e pessoais, os motivos que os levaram a buscar a modalidade da EJA, as dificuldades enfrentadas, por exemplo, como a leitura e a escrita, e a importância que a EJA tem para a obtenção de conhecimento neste mundo letrado, e suas expectativas ao terminarem essa modalidade de ensino. A pesquisa, portanto, foi significativa para a compreensão de memórias, experiências e o processo de ensino na qual esses idosos estão inseridos.

Palavras chaves: EJA, IDOSOS, MEMÓRIAS, EXPERIÊNCIAS.

ABSTRACT

The present study aims to address the memory and experiences of the elderly in the Education of Young and Adults, to know their trajectories and the reasons that led them to return to study. Thus, the objective of this work is to analyze the memory of these elderly people of EJA to understand their educational and personal trajectories, and also to understand the difficulties, the expectations that these students face in the classroom, and the importance of the EJA modality for these subjects. The research was carried out in a teaching institution of the state public network of Belém do Pará, in classrooms that had elderly students attending regularly the classes of the EJA, in the age group between sixty (60) and sixty-nine (69) years of age. Semi-structured interviews were conducted. In the narratives presented, these elders were able to express themselves more freely, which led to a greater understanding of their memories. The interviews served to help in the theoretical basis and to broaden the reflections and understandings on the presented theme. The results were in accordance with the perspective of the proposal of the research, since the elders narrated their school and personal trajectories, the reasons that led them to seek the EJA modality, the difficulties faced, for example, reading and writing, and the importance that the EJA has for obtaining knowledge in this literate world, and their expectations when they finish this type of teaching. The research, therefore, was significant for the understanding of memories, experiences and the teaching process in which these elderly people are inserted.

Key words: EJA, ELDERLY, MEMORIES, EXPERIENCES.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.....	39
---------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos.

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização.

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

PIN - Política Nacional do Idoso.

MLP - Memória de Longo Prazo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	BREVE HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL.....	14
2.2	IDOSOS NA EJA.....	20
2.2.1	O IDOSO E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....	20
2.2.2	EDUCAÇÃO DE IDOSOS NA EJA.....	23
2.3	MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA: CONCEITOS ARTICULADOS.....	27
3	OBJETIVOS.....	32
4	METODOLOGIA.....	33
5	RESULTADO E DISCUSSÃO.....	39
5.1	RELATOS E EXPERIÊNCIAS.....	39
5.2	EXPERIÊNCIAS EM RELAÇÃO COM A TRAJETÓRIA ESCOLAR.....	42
5.3	MOTIVAÇÃO PARA RETORNAR A ESCOLA.....	44
5.4	DIFICULDADES ENFRENTADAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	45
5.5	EXPECTATIVAS QUANDO TERMINAR OS ESTUDOS NA EJA.....	47
5.6	A IMPORTÂNCIA DA EJA PARA OS IDOSOS.....	48
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
8	APÊNDICES.....	57

1. INTRODUÇÃO

A cada ano letivo nas escolas, há a presença de idosos nas salas de aula na Educação de Jovens e Adultos - EJA, a esta possibilidade e a complexidade da inserção deste sujeito, são questões merecedoras de reflexões no contexto da educação atual. É uma atitude que convoca a sociedade escolar a pensar coletivamente em melhorias para a permanência deste sujeito idoso na sala de aula.

O estudo em questão visa enfatizar que os idosos são sujeitos que tem suas experiências já adquiridas durante sua vida, e lhes motivar a contar seus relatos, que são importantes também para educação, “[...], pois a educação informal é mais importante do que a formal. [...]”. (ADORNO, 1995, p.45), sendo assim, o aluno idoso tem a habilidade de através das suas próprias experiências, promoverem para a educação, uma releitura da EJA através de seus conhecimentos prévios, cuja questão central assenta-se no seguinte: Como as experiências de vida de pessoas idosas podem contribuir no processo de escolaridade na modalidade de Educação de Jovens e Adultos na E.E.E.F.M. Augusto Olimpio?

A proposta de estudo surge a partir do interesse em escutar dos idosos, seus relatos em torno das suas histórias de vida, contando suas experiências, pois, acredito que os mesmos ao longo de sua trajetória pessoal, presenciaram fatos que podem contribuir significativamente, para compreender que o passado reúne um arcabouço de histórias que podem ser respostas para solucionar as eventualidades do presente, e posteriormente para as próximas gerações.

Deste modo, a ideia é que o relato de experiências destes sujeitos possibilite para a educação, formas adequadas ao conduzir atividades propostas durante as práticas pedagógicas. Oferecendo para estes sujeitos idosos, oportunidades de ensino e aprendizagem, capazes de promover o caminho de conhecimento mais amplo.

Para o idoso o aprender inicia a partir das condições adequadas no qual deve ser inserido, portanto se oportunizar este membro da sociedade que ele tem a capacidade de compreender através das suas próprias experiências, pode ser incluído nas propostas para a educação, e podem até reformular o contexto de ensino que estar sendo desenvolvido nos dias de hoje.

Neste trabalho trazemos a discussão a respeito da história, da cultura, do social e da trajetória escolar, além de questionamentos sobre o que lhe motivaram a retornar para a

escola, as dificuldades, a importância da EJA e as expectativas destes sujeitos. Propõe-se então com esta pesquisa a reeducação do nosso olhar de educador para com os educandos idosos inseridos na EJA, podendo mudar as práticas e concepções de ensino, para melhorar a qualidade de ensino-aprendizagem destes alunos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A EJA é uma modalidade de ensino que é destinada para jovens e adultos, que por conta de vários motivos não tiveram oportunidade de dar continuidade em seus estudos ou para aqueles que não tiveram acesso ao ensino fundamental e/ ou médio, na sua idade apropriada. Para isso há a necessidade de garantir e incluir esses sujeitos em sala de aula, e tornarem sujeitos escolarizados, ocorrendo uma redemocratização de ensino no país. (OLIVEIRA e PAULA, 2013). De acordo com o artigo 208, da Constituição de 1988:

“O dever do Estado com a educação será mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. (BRASIL, 1988. Art. 208).

Com isso, surge a dinâmica de escolarização da EJA, que nasce a partir de um processo que tem avanços e recuos, pois o Brasil ainda vem se consolidando na sua identidade e autonomia política e econômica enquanto nação, e por outro lado, há as lutas sociais que ajudam a consolidar e transformar o país em sua própria identidade cultural, capaz de tornar o povo em sujeitos conscientes de sua participação para mudar sua realidade atual. (OLIVEIRA e PAULA, 2011).

O processo de escolarização da EJA é constituído de especificidades que acumulou, e as quais são atribuídas, nos dias atuais, como forte sua própria identidade. Ao abordar alguns aspectos dessa história, percebe-se quanto vem se transformando o objetivo dessa modalidade de ensino.

Durante o período de colonização do país, desafio que existia era de aculturar os povos aqui existentes, pois a maioria da população não tinha acesso ao ensino, e com isso, sucedeu a

prática de catequização, onde a principal intenção não era o ensino como formação formal, mas disseminar o catolicismo. Romão & Gadotti (2007) atestam sobre a educação dos jesuítas:

Somente após quase meio século da “descoberta do Brasil” é que se iniciou a atividade educativa no país, com a chegada dos jesuítas, em 1549, voltada fundamentalmente, para a aculturação da população ameríndia, por intermédio do *RatioStudiorum* que se baseava nos estudos clássicos. “Ao ministrarem aos índios adultos, as primeiras noções da religião católica, bem como da cultura ocidental”, como afirmava Fernando Azevedo (1971, p.515), pode-se dizer que aí começava a educação de adultos no país. (ROMÃO & GADOTTI, 2007, p.63).

Para Ghiraldelli Jr. (2008) a educação brasileira somente iniciou com o fim dos regimes das capitanias, ele cita que:

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, apresentou três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821). (GHIRALDELLI JR. 2008, p. 24).

Do período jesuítico até o da vinda da Corte para o Brasil, houve mudanças significativas, pois se durante o período jesuítico a preocupação era de catequizar o povo, durante o período Pombalino, o Estado passou a controlar financeiramente e ideologicamente a educação, onde a mesma foi reduzida a nada. Deste período não há registros de experiências em relação à alfabetização de adultos.

Porém, após a independência do país, a Constituição que foi Outorgada em 1824, proferia a seguinte frase: “instrução primária e gratuita para todos os cidadãos” (art. 179), mas não foi o que ocorreu na prática, pois mesmo a educação sendo de encargo das diferentes províncias não houve uma mudança significativa, o que provocou um índice de 80% da população analfabeta. Soares (2002) cita que:

No Brasil, o discurso em favor da Educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da República. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de Ensino. (SOARES, 2002, p. 8).

Durante o Período da Republica Velha, a educação ficou no encargo dos Estados e Municípios, onde não houve o desenvolvimento de um sistema educacional articulado e forte,

pois havia a presença do analfabetismo, e era forte, onde a educação não era prioridade do governo (HEINZ, 2012)

Era um quadro vergonhoso, ter um índice tão alto de analfabetos no país, mas para o governo, o “empenho” em alfabetizar os adultos poderia provocar a anarquia social, porém em 1925 com o Decreto 16.782/A, de 13/01/1925 (Lei Rocha Vaz ou Reforma João Alves), foram criadas escolas noturnas destinadas ao Ensino Primário para adultos. (HEINZ, 2012)

Em 1930, “a educação de adultos começa a delimitar seu lugar na história da educação no Brasil” de forma mais evidente (SEDUC, 2007). O então professor Paschoal Lemme, durante a década de 30, impulsionou as primeiras tentativas oficiais de organizar o ensino supletivo. Com ele surgiram as primeiras experiências de alfabetizar os adultos através, de leituras de Cordel e Cartilhas de ABC.

Através de um golpe militar, Getúlio Vargas tornou-se um presidente ditador, promovendo o que ele designou de “Estado Novo”, houve o interesse de organizar a educação de forma a atender as demandas do setor produtivo, forte naquela época pelas políticas de substituição de importação, dadas a partir da necessidade de organização do Estado frente às consequências da Primeira Guerra Mundial. A educação se amparava em torno da Constituição de 1934, onde o governo era considerado progressista. (NASCIMENTO, 2013).

No entanto, houve uma nova Constituição em 1937, onde o Estado não priorizou a educação de adultos. Ghiraldelli Jr. (2008) cita que:

A constituição de 1937 fez o Estado abrir mão da responsabilidade para com educação pública, uma vez que ela afirmava o Estado como quem desempenharia um papel subsidiário, e não central, em relação ao ensino. O ordenamento democrático alcançado em 1934, quando a letra da lei determinou a educação como direito de todos e obrigação dos poderes públicos, foi substituído por um texto que desobrigou o Estado de manter e expandir o ensino público. (GHIRALDELLI JR., 2008, p.78).

A problematização em torno da educação, não era prioridade do governo naquele momento, mas no período entre 1946 a 1956, surgiu a implantação do “ensino supletivo”, que ainda é presente até hoje na EJA (OLIVEIRA e PAULA, 2011). Para Haddad e Di Pierro (2000), “O Ensino Supletivo se propunha a recuperar o atraso, reciclar o presente, formando uma mão-de-obra que contribuísse no esforço para o desenvolvimento nacional, através de um novo modelo de escola”. (HADDAD E DI PIERRO, 2000, p. 117),

Neste período, houve grandes campanhas para erradicação do analfabetismo no Brasil. O analfabetismo era a justificativa para a causa do subdesenvolvimento no país. A educação era comparada como se fosse uma “doença que precisava ser curada”. Ocorreu à construção de material pedagógico apropriado, guias de leitura e alfabetização. Existiu um apelo grande para o engajamento em que a proposta de mudança tivesse êxito.

Impulsionados neste período por Paulo Freire, o método que ele propunha, era de uma educação que valorizasse a cultura popular, e a utilização de temas geradores. Era em torno de que ocorresse a conscientização, a participação e transformação social, pois se entendia que o analfabetismo era consequência de uma sociedade injusta e não igualitária. Segundo Aranha (1996):

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra. (ARANHA 1996, p.209).

No Brasil, Paulo Freire foi destaque com suas teorias, que passaram a ter um marco paradigmático na revolução do pensamento pedagógico como um todo, e, mais especificamente com a EJA, ele ganhou visibilidade e também foi convidado a encabeçar o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos.

Em 1961, ocorreu a elaboração do Plano Nacional de Alfabetização, junto ao Ministério de Educação que eram programas orientados por Paulo Freire, porém durante a época do Regime Militar, esse processo foi interrompido, pois houve a perseguição e repressão aos movimentos que atuavam na alfabetização desses adultos.

Mas para erradicar o analfabetismo que se disseminava no Brasil, surge a Lei 5.379 de 15/12/67, o movimento que ficou conhecido como MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização, dentro deste conceito, Bello (1993) cita que:

O projeto MOBRAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas. (BELLO, 1993).

Seu material pedagógico era de conteúdo acrítico e padronizado, mas não garantia a continuidade do estudo, foi um movimento que tinha como foco repassar aos seus sujeitos que freqüentavam o ato de ler e escrever.

A educação proposta no projeto MOBRAL era voltada para a população de 15 a 30 anos, onde seu objetivo era uma alfabetização funcional - aquisição de técnicas que eram elementares como a leitura, escrita e cálculo. Com isso, as orientações metodológicas e os materiais didáticos esvaziaram de todo sentido crítico e problematizador proposto anteriormente por Freire. (CUNHA, 1999). O MOBRAL foi mais um programa que falhou.

Apesar do MOBRAL ter sido um fracasso, ajudou a difundir sobre a importância da EJA, a formação formal destes sujeitos que não tiveram a oportunidade de ter acesso a sala de aula na sua idade/série. De acordo com Cunha (1999): A década de 80 foi marcada pela difusão das pesquisas sobre a língua escrita com reflexos positivos na alfabetização de adultos. E isso só pode ser possível com o MOBRAL, o qual foi extinto na década de 80.

Para substituir esse programa, através do Decreto 91. 980, de 25/ 11/ 85 foi criada a Fundação Educar. Com o objetivo de supervisionar e acompanhar as instituições e secretarias que recebiam recursos para executar seus programas.

A Fundação Educar foi criada em 1985 e, diferentemente do Mobral, passou a fazer parte do Ministério da Educação. A Fundação, ao contrário do Mobral que desenvolvia ações diretas de alfabetização, exercia a supervisão e o acompanhamento junto às instituições e secretarias que recebiam os recursos transferidos para execução de seus programas. Essa política teve curta duração, pois em 1990 - Ano Internacional da Alfabetização – em lugar de se tomar a alfabetização como prioridade, o governo Collor extinguiu a Fundação Educar, não criando nenhuma outra que assumisse suas funções. Tem-se, a partir de então, a ausência do Governo federal como articulador nacional e indutor de uma política de alfabetização de jovens e adultos no Brasil. (SOARES, 2007, p. 4).

A Fundação Educar foi extinta em 1990 quando ocorreu um período de omissão do governo federal em relação às políticas de alfabetização da EJA. E neste mesmo ano, o desafio se estendeu em criar uma metodologia criativa, onde houvesse um ensino fundamental de qualidade em um fortalecimento para a cidadania e formação cultural da população.

A constituição de 1988 veio elucidar o dever do Estado como garantia de educação para aqueles que não possuem o nível de escolaridade básica, independente de sua idade. Segundo Brasil (1988):

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
 VI – oferta do ensino noturno regular, adequado às condições do educando;
 VII – atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.
 § 1º o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público e subjetivo.
 (BRASIL, 1988, Art. 208).

Neste segmento, surgiu a legislação educacional- com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Brasil, 1996) - expressa que a oferta do ensino deva estar adequada às reais condições e especificidades do alunado, de forma a garantir não somente o acesso, mas também a permanência dos jovens e adultos na escola. (NASCIMENTO, 2013).

Durante os anos 2000, várias leis foram sendo criadas e a preocupação do governo se estendeu em estabelecer leis que garantiam o direito e a qualidade de ensino para jovens e adultos. Houve várias ações da própria sociedade civil organizada e de movimentos populares e das ações do governo.

Deste modo, é importante que se compreenda porque a educação básica de jovens e adultos passou a existir, e foi justamente para a melhoria nas condições de vida precárias (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc), que são raízes do problema do analfabetismo. (GADOTTI, 1941).

As influências iniciais são necessárias para se entender sobre o contexto de EJA no Brasil, pois suas concepções e práticas foram se transformando por vários séculos, e devido a isso houve reformas de ensino. E, para que haja a melhoria na qualidade de vida dos alunos que freqüentam a modalidade de ensino EJA, é preciso conhecer a trajetória.

É importante entender que no decorrer dessa trajetória de educação de jovens e adultos, há avanços, mas ainda há um desafio longo em tono da escolarização desses sujeitos,

pois é preciso que haja a reflexão e a prática acerca da dinâmica pedagógica de ensino na Educação de Jovens e Adultos.

2.2. OS IDOSOS NA EJA

2.2.1. O idoso e o processo de envelhecimento.

O envelhecimento deve ser entendido como um processo natural da vida. Segundo Mendes *et al*, (2005), envelhecer é um processo natural que caracteriza uma etapa da vida do homem e dá-se por mudanças físicas, psicológicas e sociais que acometem de forma particular cada indivíduo com sobrevida prolongada. De acordo com Beauvoir (1990): “O envelhecimento tem uma dimensão existencial, pois altera a relação do homem com o tempo, com o mundo e com a própria história”.

O idoso é o sujeito do envelhecimento. Lima (2000), hoje é possível dizer que os idosos não são todos iguais, pelo contrário, constituem um grupo muito diversificado devido à história de vida de cada um, suas experiências ao longo do tempo, influências do local geográfico onde residem, condições físicas, culturais e sociais, contribuem para atual realidade dos sujeitos que estão na terceira idade. (LIMA, 2000, p. 23).

Para Tótoro (2013), em diversos momentos históricos em nossa cultura ocidental, a velhice foi tratada como um problema não só de reflexão teórica, mas também ao tomar como base o modelo de problematização, gerou distintas formas de intervenções e soluções. Atualmente, há no Brasil um novo perfil demográfico. Existe um aumento progressivo e crescente da faixa etária superior aos 60 anos.

O Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, e a Política Nacional do Idoso (PIN), Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, define o idoso como pessoas com 60 anos ou mais. Nesta fase, iniciam-se algumas alterações sofridas pelo organismo, consideradas normais para esta fase da vida de pessoas acima dessa idade.

É preciso reconhecer que o envelhecimento é uma etapa da vida na qual qualquer indivíduo, poderá passar por esse processo natural, e identificar que os idosos são os sujeitos que estejam na idade de 60 anos ou mais. Segundo, Mascaro (2004):

Considera idosa a população de 60 anos ou mais. Mas por que 60 anos? Porque é em torno dessa idade que se acentuam as transformações biológicas típicas da terceira fase da vida. É também nesse momento que acontece o desengajamento do mundo do trabalho, ou seja, a aposentadoria, e também o descompromisso com alguns papéis tradicionais da vida adulta, como por exemplo, aqueles decorrentes da emancipação dos filhos. (MASCARO 2004, p. 41-42)

Nesta fase da vida os idosos passam por outras marcas sociais que se relacionam com algumas mudanças, por exemplo, como a aposentadoria, a viuvez, a saída dos filhos de casa, a chegada dos netos e etc. Para Dias (2007):

[...], envelhecer é um processo multifatorial e subjetivo, ou seja, cada indivíduo tem sua maneira própria de envelhecer. Sendo assim o processo de envelhecimento é um conjunto de fatores que vai além do fato de ter mais de 60 anos, deve-se levar em consideração também as condições biológicas, que está intimamente relacionada com a idade cronológica, traduzindo-se por um declínio harmônico de todo conjunto orgânico, tornado-se mais acelerado quanto maior a idade; as condições sociais variam de acordo com o momento histórico e cultural; as condições econômicas são marcadas pela aposentadoria; a intelectual é quando suas faculdades cognitivas começam a falhar, apresentando problemas de memória, atenção, orientação e concentração; e a funcional é quando há perda da independência e autonomia, precisando de ajuda para desempenhar suas atividades básicas do dia-a-dia. (DIAS, 2007, p.15).

Durante essa idade da vida, acontecem mudanças significativas para quem vivencia a terceira idade, pois ser velho, na sociedade em que vivemos, é desafiador, com tantas mudanças que vem ocorrendo, e para a população idosa, a inserção deles a essa nova realidade é um desafio cotidiano.

Segundo Oliveira (2010), o contexto do idoso brasileiro apresenta uma demanda social nos diferentes aspectos, que são eles: previdência social, moradia, saúde, cultura, trabalho, educação e segurança. Contudo, é preciso lutar para um sistema mais justo e atento para a realidade do nosso idoso.

Para compreender o que os idosos vivenciam durante essa fase de suas vidas Dibner (1975) dividiu o envelhecimento em três áreas: O envelhecimento biológico que corresponde às mudanças físicas que ocorrem em todo o organismo do indivíduo, alterando suas funções; O envelhecimento psicológico, relaciona as mudanças de comportamento do indivíduo, acarretando a alteração na percepção, sentimento, pensamento, ação e reação; e o envelhecimento social, que é caracterizado por modificações do papel social do indivíduo como resultado das mudanças biopsicológicas relacionadas ao aumento da idade.

Portanto, é fundamental garantir oportunidades para que o envelhecimento destes sujeitos, seja um processo assistido e bem sucedido, favorecendo ao idosos a participação social, o autogerenciamento da saúde e a prevenção de incapacidade. De acordo com Py (2006):

As questões do envelhecimento suscitam grandes dúvidas, perplexidades, discussões. Interessam a todos nós, seres humanos, pois estamos envelhecendo. Interessam aos que já estão velhos e, também, aos adultos, aos jovens, às crianças que estão cursando esse processo. Nesse percurso, seguimos todos envelhecendo, com a tarefa humana de criar significações para os fatos que marcam a nossa existência. (PY, 2006, p. 113-114).

Percebe-se que esta população passou a ter uma Política Educacional que atenda às singularidades da diversa maturidade que a constitui, conforme nos aponta Mascaro (2004):

Na verdade, a sociedade vai determinar o lugar e o papel que os idosos irão representar (viver) na própria sociedade, e por outro lado, os idosos irão absorver (ou rejeitar), elaborar e recriar traços culturais e ideológicos do espaço social em que vivem. Numa sociedade de massa, a regulamentação social opera por meio de um repertório de símbolos, de imagens e estereótipos, que são expressos através dos meios de comunicação de massa. Portanto, as ideias que a mídia expressa em relação ao envelhecimento e à velhice são muito significativas, pois podem exercer a função de ponto de referência para os próprios idosos, influenciando seu comportamento e suas atitudes, e, também as ideias da criança, do jovem e do adulto, a respeito do que significa envelhecer em nossa sociedade. (MASCARO 2004, p. 65).

Como aponta Camarano (2006), o envelhecimento da população é resultado de políticas assistencialistas para a melhoria de condições de vida, além do próprio desejo da população de viver cada vez mais, apenas buscar a longevidade não é suficiente, ela deve ser fortalecida por políticas públicas que garantam a qualidade de vida das pessoas idosas e consolidem essa busca como uma meta a ser perseguida como política pública, e não como política de governo.

Neste contexto, as políticas públicas estão atendendo estes sujeitos, através das garantias de espaços de ação e convivência na sociedade. É responsabilidade de todos nós, que haja iniciativas de mudanças para que no tempo do nosso envelhecimento exista a qualidade de vida durante a velhice.

Para isso há a necessidade de trabalharmos para que a sociedade brasileira possa resgatar a cidadania de quem já está envelhecendo, ao individuo que, embora tenha algumas dificuldades materiais ou físicas, tem grandeza de espírito e força interior. Segundo Bruns

(2002, p. 56): “Qual é o papel de quem conseguiu ultrapassar os 60 anos, em uma sociedade em que insiste em fechar os olhos para a realidade que procuramos aqui espelhar?”.

Envelhecer tem o extraordinário mérito de sintetizar todas as idades. Portanto, se bem posicionado, bem atendido nas suas necessidades, bem estimulado a participação social, cada idoso brasileiro, é um indivíduo que ainda pode compreender e criticar acontecimentos dos dias atuais, e também contribuir para a construção da modernização e do futuro da nossa sociedade. (SALGADO, 1999, p. 5-13).

Segundo o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003 de 1º de outubro de 2003, “o IDOSO goza de TODOS OS DIREITOS fundamentais inerentes a pessoa humana, assegurando-lhe todas as oportunidades e facilidades para a preservação de sua SAÚDE FÍSICA e MENTAL e seu aperfeiçoamento MORAL, INTELECTUAL, ESPIRITUAL, SOCIAL, em condições de LIBERDADE E DIGNIDADE”.

Mas para que tudo isso seja possível, deve haver uma reflexão coletiva da sociedade em relação aos idosos, não devemos pensar o idoso como um sujeito improdutivo e sem capacidades, quando se estigmatiza, como se fosse um “peso” para a sociedade, provoca a opressão deste sujeito. Segundo Caldas (1999), para adquirir uma mentalidade preventiva e promover adequadamente a saúde do idoso é fundamental a evolução e disseminação do conhecimento sobre envelhecimento.

Os idosos ainda têm muito a nos ensinar. Segundo Freire (1980), “O homem existe no tempo. Está dentro. Está fora. Incorpora. Temporaliza-se. Diante disso, os idosos são sujeitos são sujeitos que devem ser valorizados e integrados a nossa sociedade, de uma maneira em que a velhice não seja algo bom ou ruim, mas algo que o envelhecimento seja vivido conforme vivemos. Mas em um sentido, de que ao passar por essa etapa, seja uma realidade de inclusão e respeito.

2.2.2. Educação de idosos na EJA.

A educação é um dos instrumentos que propiciam ao indivíduo alcançar um envelhecimento ativo. Um dos maiores desafios para as pessoas que estão na etapa da vida, referente à velhice, é envelhecer com saúde física, mental e espiritual, e a educação formal contribui para a melhoria na qualidade de vida de idosos.

O homem pode ser eminentemente interferido: herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se as condições do seu contexto social, respondendo a seus desafios, objetivando a si próprio, discernindo e transcendendo. Nas palavras de Agnes Heller (2000):

A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre ser particular e ser genérico [...] A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar. O desenvolvimento do indivíduo é antes de tudo, função de suas possibilidades de liberdade, pois ninguém é igual a ninguém, ou seja, somos diferentes uns dos outros, temos diferentes personalidades, pensamentos, idéias, etc. (HELLER, 2000, p. 108).

Assim, o homem é condicionado a poder se integrar ao conhecimento e causar a transformação para a sua vida. Neste caso, o sujeito-idoso, integrando-se educação formal, afim de que esse sujeito seja movido a modificar sua realidade. Para Freire (1980):

O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar - se. É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas...Isto deve ser feito por uma educação corajosa, que propõe ao homem a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre sua responsabilidade. (FREIRE, 1980, p. 59).

É pela educação que vamos auxiliar o idoso a exercer a nova cidadania, fazendo o sentir a necessidade de mudanças, de unir-se e criar espaços para tornar visível sua necessidade, suas soluções, em propostas vindas do próprio idoso. Segundo Barreto e Giatti (2003): “Idosos com boas condições de saúde, com autonomia física e mental, mantêm boas perspectivas de vida e podem assumir papéis relevantes na sociedade”. (BARRETO; GIATTI, 2003, p. 14).

É necessário que o idoso saiba o que ele quer o que ele pensa, e o que sente, o tornando livre, para atuar segundo sua própria vontade. Daí a educação, nesta etapa de grandes mudanças sociais, faz de si uma tarefa importante, para os idosos. E para dar sentido ao que ele vai aprender é necessário que sejam elaboradas estratégias de ensino adequado para o idoso. Segundo Pastorello (2008):

A relação ensino e aprendizagem, tanto em salas de idade regular como em salas de EJA, os alunos não falam a mesma linguagem que os professores, não têm os mesmos conhecimentos prévios, porque, se assim fosse, poder-se-ia simplesmente transferir as informações de um para outro, ou melhor, de professor para aluno. Investigar sobre o conhecimento informal que os adultos têm e identificar seus

interesses é fator essencial para conduzir o ensino da leitura e da escrita. Ensinar com materiais que circulam no cotidiano do aluno como folhetos de supermercado, tabelas de preços de materiais de construção, revistas de corte e costura que ensinam a traçar molde, ou até mesmo livros de receitas de culinária, podem ser textos propulsores do desenvolvimento da leitura, porque correspondem às necessidades e dúvidas de cada adulto em relação ao mercado de trabalho em que estão inseridos. Com eles aparecerão determinadas situações que possibilitarão aos alunos atribuir sentido ao processo de ensino e aos atos de leitura, porque correspondem a sua realidade. (PASTORELLO, 2008, p.16).

Ao retomar ou até mesmo iniciar seus estudos, os idosos procuram recuperar o direito da educação formal que lhes foi negado e já possuem uma noção mais crítica de suas condições de oprimidos no passado e das forças de opressão que os afastaram dos estudos na idade regular. De acordo com Pereira (2012, p. 34), os idosos ao ingressar em uma escola “buscam uma imagem de escola socialmente construída (sala de aula, professor, disciplina escolar) e a convivência com outras faixas etárias”. Para Doll (2007): “Uma das funções da educação é ensinar algo que possa ser usado posteriormente. A escola ensina saberes, valores, competências e habilidades com base nessa presunção”.

Assim, a educação colabora no crescimento dos sujeitos ao retomar para escola na velhice, tendo como objetivo estimar os alunos em busca de que possam compreender as constantes transformações das sociedades atuais. Para Silva (2010), é preciso considerar que atualmente verifica-se um número significativo de pessoas com mais idade matriculadas na turma de Educação de Jovens e Adultos.

Essa população que ficou sem acesso aos estudos por diversos motivos hoje está disposta a quebrar os paradigmas de uma sociedade que maltrata seus idosos, não os respeitam, exclui do trabalho, da família e quando conseguem se aposentar, a maioria recebe um salário que mal conseguem sobreviver, pagar seus remédios, seus alimentos, sua moradia. Para Coura (2007), a criação do Estatuto do Idoso, que garante uma melhoria na qualidade de vida das pessoas com mais de 60 anos contribui para que o idoso venha ocupar os bancos da EJA atualmente.

Não é só com a intenção de obter um emprego melhor, uma qualificação mais apropriada, que os idosos voltam à escola. Voltar às aulas é poder saciar a vontade de aprender que lhes fora negada quando mais jovem. As privações que sofreram, seja por terem que sair para trabalhar ainda muito jovens, ou por falta de escolas públicas, levaram esses sujeitos a uma condição de excluídos (COURA, 2007).

Portanto, cremos que a escola como mediadora do conhecimento formal precisa reconhecer, de forma consciente, as limitações de cada sujeito idoso, sem com isso estagnar-se frente às mudanças que se fizerem necessárias. Ela necessita emancipar o educando pela felicidade em conhecer, felicidade que se traduz na busca da originalidade, da criatividade, da auto-superação e crescimento constante das potencialidades dos indivíduos, da supressão (ou pelo menos sua diminuição) das inseguranças, do medo e incertezas. É a alegria de saber, de conhecer e poder escolher criticamente as diversas possibilidades oferecidas pela realidade (CARVALHO, 1996, p.15).

Embora freqüentar uma sala de aula implique enfrentar desafios, preconceitos e limitações, a educação é um dos meios a vencer os desafios impostos aos idosos pela idade e pela sociedade, proporcionando o aprendizado de novos conhecimentos e oportunidades para alcançar o bem estar físico e emocional. (NERI; CACHIONI, 1999).

[...]. Para a educação do idoso, o diálogo não será apenas um método, mas uma estratégia para respeitar o saber que ele já traz de sua vida. É preciso elaborar uma nova teoria do conhecimento a partir dos interesses desses alunos, que lhe permitam reelaborar e reodernar seus próprios conhecimentos. [...]. (LIMA, 2000, p.52).

É preciso também conhecer suas características, suas limitações. Santos e Sá (1999) observam que na velhice as pessoas já não possuem a mesma acuidade visual e auditiva, estão mais propensas a se distraírem facilmente, são mais exigentes com os outros e consigo mesmo.

Há pesquisas que apontam que o retorno à escola e a continuidade dos estudos prolonga a vida, uma forma de envelhecimento produtivo, é uma saída inteligente para os idosos, grupo etário que mais cresce no país.

Além de aprender, na EJA eles podem melhorar a auto - estima e integrar-se a esse segmento significa sentir-se bem e melhor. Na sala de aula encontram a companhia, o afeto, o reconhecimento, o apoio, a solidariedade juntamente com a construção do conhecimento.

A grande preocupação destes sujeitos que voltam a estudar é aprender a ler e escrever. Alguns apresentam um processo de leitura e escrita de anos atrás, e têm que retomá-lo quase que integralmente porque fora marcado pela ausência da sua escolarização formal, fato que os coloca na condição de analfabetos funcionais, há outros que nunca freqüentaram a sala de aula.

Este idoso aprendiz é ativo no processo de alfabetização, elaborando e verificando hipóteses sobre o sistema alfabético, mediante as suas experiências pessoais, a interação com seus pares, os mediadores culturais e a mediação do professor.

A busca de autonomia para cuidar das suas economias, ou pelo simples interesse em se manterem atualizados, entre outros motivos. Para Ordenez e Cachioni (2001), percebem que: “a educação como instrumento de promoção de uma velhice bem-sucedida, isto é, com boa qualidade de vida biológica, psicológica e social”. (ORDENEZ E CACHIONI, 2001, p. 462).

A retomada dos idosos para a sala de aula incentiva a valorização destes sujeitos, e previne contra o ócio, que é muito freqüente nesta etapa da vida, e que pode levar ao distanciamento dos ambientes sociais e familiares. Para Neri e Cachioni (1999), destacam que um ponto de vista muito comum é o de negar a educabilidade dos mais velhos, com base em argumentos fundados nos estereótipos de velhice incapaz, doentia e improdutivo. (NERI E CACHIONI, 1999, p. 123).

Quando idoso passa a se reconhecer como parte da sociedade e percebe que ainda pode ser produtivo e ter objetivos, sua auto-estima se desenvolve. Este processo poderá trazer benefícios até mesmo a sua saúde, evitando doenças psicossomáticas, como a depressão por exemplo.

O ser humano é um ser adaptável, assim ele aprende com o ambiente e através dele no seu convívio social. Portanto, na medida em que o sujeito envelhece maior será sua carga de vivências e conhecimentos que devem ser valorizados.

Devemos transmitir que a educação é uma chave de mudanças, onde o idoso para a sociedade se condiciona a ser o sujeito que tem a capacidade de se tornar um ser crítico, político, consciente, autônomo, buscando aprender durante toda a sua vida.

O objetivo é propiciar uma velhice com maior qualidade de vida, onde os idosos de ambos os sexos, com mais de 60 anos, estejam motivados em atualizar e buscar novos conhecimentos. E que haja a valorização do vivido, do adquirido, pois ajudará a desenvolver a autoconfiança de significados para as novas aprendizagens, na qual os idosos são possibilitados a experienciar.

2.3. MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: CONCEITOS ARTICULADOS.

Quando se colhe as histórias de vida de um sujeito, é uma forma de lhe auxiliar a pessoa, a rememorar seu passado. E, para as pessoas idosas ajuda na organização de suas memórias e experiências, levando-os a reflexão sobre o seu existir. Por isso, é importante o estudo das memórias e conseqüentemente das experiências dos idosos, que são possuidoras de uma trajetória de vida “recheadas” de acontecimentos.

Para começar a discussão, inicia-se com a memória, que tem como componentes principais as capacidades e seus processos. As capacidades são compostas de estruturas, como: memória sensorial, memória de curto prazo, e a memória de longo prazo, e juntamente tem os processos que intervêm na memorização, que é dividido em: codificação, armazenamento e recuperação, que durante o envelhecimento podem ser afetadas.

Não podemos afirmar contundentemente que a memória das pessoas piore com a idade, nem que o esquecimento seja uma conseqüência inevitável do envelhecimento. Os idosos devido às mudanças que ocorrem ao longo da vida, são mais vulneráveis as modificações na sua memorização, como a que corresponde à memória de longo prazo. “[...]. A memória de Longo Prazo (MLP), em pessoas idosas que não estejam doentes, sofre uma perda que parece não estar tanto na capacidade para armazenar informações, mas na habilidade para recuperá-las”. (SALTHOUSE, 1994). Para Coll *et al* (1993):

Quando ocorrem alterações na memória durante a velhice, as hipóteses explicativas do fenômeno estão centradas em vários fatores, como: ambientais (mudanças e hábitos de vida ou nas motivações), déficits do processamento de informações e a fatores biológicos (a deterioração em algumas partes do cérebro, como os lóbulos frontais). (COLL *et al*, 1996, p. 394).

A memorização só é possível, devido aos conteúdos que correspondem ao que é assimilado e armazenado, porém essas capacidades podem declinar com a idade, E, em razão de algumas mudanças em nosso organismo, com o tempo pode ocorrer à perda de memória. E com os idosos esse acontecimento é mais presente. Devido a estas mudanças na memória que ocorrem com a idade. Mas, é possível preservar alguns conteúdos que é adquirido no decorrer da vida.

Esses conteúdos, preservados são importantes, pois são constituídos de lembranças. “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora á consciência na forma de imagem lembrança. [...]” (BOSSI, 1994). Os idosos têm uma função social importante para a sociedade. “A função social do velho é

lembrar e aconselhar. [...]. (BOSSI, 1994). E esse ato é benéfico para a construção de sujeitos capazes de redefinir o presente. “[...]. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim, deve - se duvidar da sobrevivência do passado. [...]”.

As construções do conhecimento, através das lembranças podem contribuir nos ajuste que são necessários para uma reorganização de ideias e atitudes, e apenas sobrevive porque esse passado, ainda sobrevive para os velhos. É por isso que precisamos lutar pelos velhos, segundo Bossi (1994):

[...]. São a fonte de onde jorra toda a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma idéia inspecionada por nosso espírito - é alargamento das fronteiras do presente, lembranças de promessas não cumpridas. [...]. (BOSSI, 1994, p. 18).

A essa relação em possibilitar que o idoso aponte aspectos de suas memórias, desponta para novos horizontes, ao realizar o trabalho de relembrar, dando uma dimensão que trabalhe sobre o tempo-memória, reconduzindo-os a rememorar os caminhos já percorridos. Neste contexto, permite a reflexão acerca da idéia de que lembrar não é re-viver, mas se re-fazer. Bossi (1994):

A função da lembrança é conservar o passado do individuo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial, e elevado, a hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (BOSSI, 1994, p. 53).

O idoso é capaz de mostrar que na atual conjuntura em que vivemos, eles são mais atentos as novas singularidades na qual estamos vivenciando na sociedade atualmente. “Pois a velhice também é vida. Não significa apenas o esgotamento de uma fonte que nada produz, ou o amordecimento de uma fonte anterior forte e intensa – na realidade é vida em si mesma, de espécie e valores próprios”. (GUARDINI, 1987).

Aos idosos devido ao tempo em que estão vivos lhe é atribuído a obrigação social, de lembrar, e lembrar bem, o que convém para o meio social em que são pertencentes. Cabe a

eles através de sua memória, recordar acerca de acontecimentos da família, do grupo, da instituição, da sociedade, na qual há histórias antigas a serem dialogadas.

Para Monteiro (2003): “Envelhecemos, e com isso expandimos, redimensionando o nosso trajeto. Criamos novas histórias que irão compor as histórias antigas, ocupando espaço em nossa vivência atual. As histórias antigas não são destruídas pela recomposição do presente, mas se transformam, agora, com um novo significado, com som de eternidade”. Esse trajeto é importante, através dele podemos reconstruir as possibilidades de ideias e atitudes, em uma sociedade em que se precisa entender que “Uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiadamente certos de nossas certezas”. (FREIRE, 1998).

Somos sujeitos em vulnerabilidade de incertezas, e para os idosos, que presenciaram tantos acontecimentos no decorrer da vida, isso é mais presente na vida dos mesmos, pois há uma participação na história, que é composta por um ontem, o hoje e o amanhã. E esse todo amanhã para eles pode ser baseado em mudanças constantes. Para Freire (1979), “Todo amanhã se cria num ontem, através de hoje, de modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos que saber o que fomos e o que somos para saber o que seremos”.

Neste contexto, há as experiências que adquirimos em nossa trajetória de vida, que é importante para a construção do conhecimento. E, para os idosos, o conhecimento se constrói e está associado à vida. Em conjunto com a valorização do vivido, do adquirido, que se desenvolve e a autoconfiança tudo isto auxilia na busca e na atribuição de significados para as novas aprendizagens. Para Cícero (1997):

Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só está privada, mas ao contrário, pode muito especialmente se valer. (CÍCERO, 1997, p.18).

Bossi (1994) reafirma que, diante da nossa experiência de vida, temos o estreitamento e a possibilidade do novo. Em contato com os aspectos do real nós cedemos à condição da facilitação e da inércia, nos entregamos ao processo de estereotipia. Neste processo de estereotipia, os padrões correntes interceptam as informações no trajeto rumo à consciência, e o estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico.

Assim, torna-se necessária uma mudança de atitude que exige uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais e uma reestruturação da experiência passada.

Em Heidegger (1987) encontramos uma definição de experiência em que soam muito bem essa exposição, essa receptividade, essa abertura, assim como essas duas dimensões de travessia e perigo que acabamos de destacar: [...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma.

Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a pratiquemos acontecer “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal. Para Larrosa (2002), a experiência é:

Parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar. Demorar-se nos detalhes. Suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza. Abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 25).

Para Brandão e Mercadante (2009), devemos considerar, também, que vivemos em grupos de experiências solitárias, pois, mesmo participando de determinado evento familiar, ou momento sócio-histórico marcante, a apreensão que faremos deles, e as memórias que construiremos, será única. Daí a ênfase no uso do termo subjetividade - o modo de ver, viver e construir o longeviver, próprio e único de cada indivíduo.

Precisamos repensar acerca desse entrelaçamento entre a memória e a experiência, para Halbwachs (1990) defende que quando resgatamos as narrativas dos sujeitos trabalhamos

com a lembrança única, a experiência de um sujeito único, mas que faz parte de uma comunidade afetiva. Para ele, a lembrança se liga a um contexto social mais amplo.

Esse sujeito de memórias, e conseqüentemente de experiências, é um indivíduo que têm amplos conhecimentos, e se define não apenas por suas atividades, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade. Ele percebe que é incapaz de se obter experiências quem se põe ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas aquele que não se ex-põe. A experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem pré-ver, nem pré-dizer. É uma conseqüência de todo o adquirido no decorrer da vida.

Valendo-se deste contexto a contribuir nesse processo de formação na educação básica dos idosos, suas lembranças das experiências passadas, contribuem para o processo de escolarização. Sendo assim, a intenção é abordagem das percepções e perspectivas dos idosos, haja uma parceria na qual promova entre o educador e o educando, ampliar as formas das trocas de saberes através das experiências, desta forma todos os envolvidos na educação no ambiente escolar, pode se tornar respeitosa e dialógica.

3. OBJETIVO

3.1. OBJETIVO GERAL

Compreender como as narrativas das experiências de vidas de pessoas idosas inseridas na Educação de Jovens e Adultos na E.E.E.F.M. Augusto Olímpio podem contribuir com o seu processo de escolarização.

3.3. OBJETIVO ESPECÍFICO

- Discutir sobre a importância do uso da memória e de experiências de vida para o processo de escolaridade;
- Compreender as dificuldades, a motivação, a expectativa e a importância de aprendizagem de pessoas idosas na Educação de Jovens e Adultos (EJA);

- Analisar as experiências de pessoas idosas inseridas na EJA na E.E.E.F.M. Augusto Olímpio.

4. METODOLOGIA

4.1. LOCAL DO ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Olímpio localizado no bairro de Canudos, zona urbana, no município de Belém, Estado do Pará, que atende as modalidades de séries iniciais até as turmas da EJA, a fim de se investigar as memórias e experiências de idosos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

4.2. PERCURSO INVESTIGATIVO

O estudo inicialmente foi planejado para que sua execução fosse na própria sala de aula, na qual os alunos frequentam. O local é da própria escola, que fica localizada no município de Belém/ PA, onde os alunos participam regularmente de suas aulas. Mas não foi possível devido à presença dos professores na sala de aula, então o responsável da escola, disponibilizou a sala da coordenação pedagógica, para a realização da pesquisa.

Durante todo o percurso da pesquisa tivemos a contribuição do diretor da escola, e responsável por acompanhar a pesquisadora nas atividades de ensino realizadas na mesma. Ele é responsável pela escola a 04 (quatro) anos, e incentivador das ações de coletivo dentro da escola. Através dele que entramos em contato com os sujeitos participantes. Em conversa com os mesmos, nos organizamos para realizar a pesquisa.

A pesquisa foi realizada em 04 momentos distintos. O primeiro foi à apresentação da pesquisa e a apresentação tanto do pesquisador quanto dos sujeitos da pesquisa (idosos), nos três outros dias foram às entrevistas individuais que norteou acerca das narrativas desses idosos que cursam a EJA.

Marcamos o dia para os idosos comparecerem á escola e o horário, já os avisando que aconteceria antes de começar suas aulas. Porém, na medida em que as atividades iam acontecendo, verificamos que seria possível realizar a coleta de dados no tempo previsto.

4.3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Foi utilizada na pesquisa a abordagem qualitativa uma vez que segundo, (NEVES, 1996), esta integra diferentes técnicas de interpretação que buscam a descrição de um sistema mais complexo. E também “[...] preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamentos, etc”. (LAKATOS E MARCONI, 2009, p. 269). Desta forma, foi analisada acerca da memória e experiências dos idosos através das narrativas e dos modos que eles participam da Educação de Jovens e Adultos.

O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa muito utilizada, nos estudos na área da educação atualmente, por possibilitar um contato maior entre o investigador e seu objeto de estudo, possibilitando uma pesquisa mais completa de detalhes, que só é possível, através deste processo de investigação. Para Morgado (2012), “o estudo de caso é um processo de investigação empírica que permite investigar fenômenos no seu contexto real” (MORGADO, 2012, p.63).

O estudo de caso é caracterizado, para Morgado (2012), em três características para o seu pleno desenvolvimento. Fase exploratória que é a etapa inicial do estudo, onde podem identificar os pontos principais que serão abordados durante o estudo. Esta fase no trabalho pôde ser verificada na observação inicial, onde identificamos quais seriam os sujeitos participantes da pesquisa.

A segunda fase é a de recolha de dados, que é logo depois que se determina o problema da pesquisa, onde será feito um filtro por todos os tipos de coletas de dados, a fim de se encontrar o mais adequado. Nesta etapa, foi elaborada a metodologia que seria utilizada, no caso a entrevista.

E por último, a fase de análise, interpretação e divulgação dos resultados, que é a etapa de conclusão do estudo, onde demonstraremos através das técnicas de coletas de dados, os resultados alcançados, durante a pesquisa.

Este modelo de estudo é rotineiramente usado na área da educação, pois enfocam análises diretas para tudo aquilo se pretende investigar. Tem um grande caráter qualitativo, o que é bem aceito pelos estudiosos, “além de permitir comprovar a maior ou menor exatidão dos dados recolhidos, a diversidade metodológica facilita sua triangulação, contribuindo assim, para reforçar a validade dos resultados. (MORGADO, 2012, p. 120).

Por meio deste método é possível fazer a triangulação dos dados da pesquisa, sendo assim podendo verificar sua veracidade, isto pode ocorrer com a utilização de mais de uma técnica de coleta de dados. Morgado (2012), “chama de triangulação metodológica, onde os investigadores utilizam abordagens múltiplas, isto é, distintos métodos - observação, entrevista, análise de documentos; no âmbito de um estudo de caso, o que lhes permite realçar ou invalidar as interpretações realizadas”.

4.4. COLETA DAS INFORMAÇÕES

Como técnica de coleta de dados, usamos a entrevista semiestruturada aberta que foi desempenhada individualmente para identificar acerca da compreensão de movimento para cada idoso. Os idosos foram indagados a relatar tanto sobre a velhice deles como o que lhes remete a EJA, e a observação sistemática foi realizada nas primeiras idas a escola.

A entrevista é a técnica de pesquisa que segundo Marconi e Lakatos (2003), “é um encontro entre duas pessoas a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (p.193).

Segundo Severino (2007, p.125): “Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém em escuta atento, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um dialogo descontraído, deixando o informante á vontade para expressar sem constrangimento suas representações”. Desta forma, se identifica, como uma abordagem que permite certo contato entre o objeto de pesquisa e o pesquisador, uma vez que, pode acontecer em situação descontraída o que ajudará na obtenção de dados, nesse contato direto com o problema pesquisado.

Fazemos o uso da entrevista semiestruturada que para Marconi e Lakatos (2003), é aquela onde o entrevistador tem a liberdade para fazer alterações nas perguntas, altera a

ordem das questões, durante a pesquisa, se assim desejar ou for necessário. Além de poder ter uma conversa informal com o entrevistado.

Dentro desse tipo de entrevista, como afirma Marconi e Lakatos (2003) tem-se modalidades: as focalizadas, clínica e dirigidas. Neste estudo será importante a abordagem das três modalidades, levando em consideração, que elas se complementam. No primeiro tipo há um percurso pré-estabelecido, que ajudará a conduzir a entrevista, a segunda e a terceira, modalidades já vão sair da liberdade total em expressão das emoções e sentimentos, durante o processo, o entrevistador pode elaborar perguntas específicas, incentiva o informante até conseguir as respostas mais desejadas para o problema, mas nunca poderá ser inconveniente ou forçá-lo a nada.

A técnica de entrevista tem suas vantagens e desvantagens. Como ponto positivo pode elencar que pode ser efetuada com a população em geral, não necessariamente, esta deve saber ler e escrever, o entrevistador pode esclarecer as dúvidas que podem ocorrer durante a entrevista, e permite a flexibilidade na hora da pesquisa. Como entraves, temos dificuldades de comunicação que aparecem de ambas às partes e ocupa tempo, e ainda tem a situação da disponibilidade do entrevistado para a hora reservada para as perguntas. (MARCONI E LAKATOS, 2003)

A entrevista precisa de uma preparação que a antecede, para Marconi e Lakatos (2003), tem algumas informações que são indispensáveis para que a coleta de dados aconteça de forma favorável. Destacamos então: o planejamento da entrevista, que traz quais objetivos se busca alcançar com a mesma. Tem o contato inicial com o informante, para obter informações básicas sobre ele, além do grau de conhecimento dele sobre o tema abordado. E marcar com antecedência o local e o horário que acontecerá a entrevista, para que não ocorram desencontros e garantir sigilo das identidades dos informantes.

Para se garantir a confiabilidade dos sujeitos, foram escolhidos nomes retirados da família do entrevistador, assim seriam tratados conforme os nomes escolhidos, no próprio termo de consentimento, na qual explica sobre o estudo, tem a informação de que seus nomes seriam escolhidos pelo pesquisador, para segredo de suas identidades, e assim serem identificados.

A observação segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 190) “é uma técnica de coletas de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver ou ouvir, mas também examinar fatos”.

Como qualquer outro método de pesquisa, a observação também tem suas vantagens e desvantagens. Como desvantagens, podemos atribuir que vários fatores durante a pesquisa podem acontecer que fogem do observador, qualquer coisa que envolva a vida particular do objeto de estudo, tente-se a criar impressões favoráveis ou desfavoráveis, assim como, imprevisto que não estavam no roteiro de observação. (MARCONI E LAKATOS, 2013).

As vantagens da observação destacam-se as possibilidades de um contato direto com o cotidiano do objeto pesquisado, o que permite a uma maior variedade de dados, além de exigir menos do pesquisador e, podem-se coletar dados comportamentais que durante outra técnica não seria possível. (MARCONI E LAKATOS, 2013).

Para as autoras Marconi e Lakatos (2003), dentro da investigação encontramos modalidades de observação, que servem para diferenciar: os meios utilizados, a participação do observador, o número de observações e o lugar onde será realizada a pesquisa.

A pesquisa foi conduzida por uma observação sistemática, que também é conhecida por ser estruturada, apresenta um breve roteiro do que será executado. O observador que se objetiva na pesquisa, onde alguns instrumentos poderão ser utilizados para auxiliar na observação, mais especificamente neste estudo, será utilizado um caderno de campo para o registro de todas as ações ocorridas.

A participação do observador durante o período da pesquisa é de se envolver totalmente com o contexto observado, uma vez que, sua observação consiste de “ficar tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais dele”. (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 194).

Durante a pesquisa a observação foi feita uns dias antes das entrevistas. Fizemos idas para a escola para contatamos os sujeitos, além de procurar entender como funcionava a dinâmica da instituição.

A primeira etapa do estudo aconteceu pela observação da escola e dos sujeitos da pesquisa. Realizamos 02 encontros na escola antes das coletas de dados. No dia marcado para a coleta de dados, esteve presente o diretor da escola, o qual participou do primeiro momento.

O local disponibilizado para realizar a pesquisa foi à sala da Coordenação Pedagógica, uma vez que, é um espaço reservado da escola. Para um primeiro contato, o diretor apresentou a pesquisadora, aos alunos idosos, que se encaixavam na categoria do estudo, houve uma troca de conhecimento, onde a conversa promoveu um contato bem descontraído.

Posteriormente, foi explicado sobre o tema do estudo e a importância da participação dos mesmos para concretizá-lo, estes aceitaram participar. Foi solicitado então, que respondessem as perguntas que estavam no roteiro, para isso foi utilizado um gravador de voz, onde facilitaria para a transcrição pela pesquisadora. Os idosos não ficaram envergonhados, e foram bem precisos nas suas respostas, pois, esclareci que ninguém, além de mim, escutaria suas vozes, então, eles foram bem participativos durante a entrevista.

Ao realizar o levantamento de dados, houve a motivação de compreender e interpretar os determinados comportamentos, as opiniões, as dificuldades e as expectativas, destes alunos. Deste modo a proposta de pesquisa, foi validada, visto que, as informações coletadas, foram importantes para obtenção e para o conhecimento de acordo com o tema abordado.

4.5. ASPECTOS ÉTICOS DA INVESTIGAÇÃO

É importante esclarecer que foi respeitado o direito dos idosos em todas as etapas do estudo, sendo os mesmos informados no início da pesquisa das ações que aconteceriam, assim como a assinatura de um termo de consentimento que explicava e autorizava o uso das falas dos mesmos.

4.6. CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Para a realização do estudo, foram escolhidos 04 idosos, 01 mulher e 03 homens, com idade entre 60 a 69 anos, sendo também eleitas as seguintes categorias para esta escolha: estar frequentando regularmente a sua sala de aula na Educação de Jovens e Adultos, ter a idade mínima de 60 anos.

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos escolhidos para a pesquisa

Nome	Idade	Série	Estado Civil	Natural de	Ocupação atual
Idoso A	60	2ªEtapa	Casada	Bujaru - Pa	Aposentada
Idoso B	69	2ªEtapa	Casado	Altamira-Pa	Aposentado
Idoso C	63	1ªEtapa	Casado	Belém - Pa	Pedreiro
Idoso D	62	3ªEtapa	Solteiro	Belém - Pa	Aposentado

4.7. ANÁLISE DOS DADOS

Com as informações, contidas na coleta de dados, contribuíram para a pesquisa realizada. Juntamente com as considerações e reflexões sobre os aspectos importantes quanto ao questionamento e os objetivos da pesquisa, através do conhecimento e reconhecimento, sobre a realidade a qual estão inseridos os sujeitos da pesquisa.

Para esta pesquisa especificamente fizemos a análise do conteúdo, no qual através da coleta e posteriormente da transcrição dos dados, fizemos uma verificação inicial das respostas, elegemos categorias que foram analisadas a partir de pesquisas de sujeitos idosos que estão inseridos na EJA.

5. RESULTADO E DISCUSSÃO

5.1. RELATOS E EXPERIÊNCIAS

Quando a memória é compartilhada há a possibilidade de a experiência ser ressignificada, portanto, para compreender o presente, recorreremos às narrativas que discutem o tempo passado, de lembranças, que estão presente na memória. Para Pierre (1993), [...], a lembrança é o passado completo em sua reconstituição mais minuciosa. É uma memória registradora que delega ao arquivo cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita como a serpente e sua pele morta.

Os idosos são sujeitos que devido as suas trajetórias de vida, carrega consigo vivências, porém não o vemos como deveríamos não nos possibilitamos a conhecer suas

trajetórias, e de que forma eles viveram seus tempos. Os idosos traçaram sua própria história de acordo com o seu cotidiano, com a sua realidade, através da sua própria identidade. Para Brandão e Mercadante (2009):

A condição é que somos memória porque há a identidade - quem sou? Está vinculada às lembranças que cada um tem de si - seu nome, os dos seus ancestrais - do lugar de nascimento e outros espaços - territoriais e sociais - que ocupamos ao longo da vida - dimensão pessoal, que envolve fatos objetivos e subjetivos. (BRANDÃO e MERCADANTE, 2009, p.75).

Desta forma, é necessário conhecer sobre suas vidas e seus itinerários humanos, e não apenas escolares. Ao procurarmos saber sobre seu trabalho, suas expressões culturais, seus horizontes de vidas pessoais e familiares, etc. Estamos incluindo o idoso à atual realidade na qual estamos vivendo. Freire (1980) afirma que o homem existe no tempo. Está dentro. Esta fora. Herda. Incorpora. Modifica. Temporaliza - se. (FREIRE, 1980, p.41).

Durante a sua trajetória, há as mudanças de vida na qual os idosos perpassam, assim como a do Idoso B que citou que: “Da minha vida atualmente, agora da onde eu vim e aonde eu to, hoje em dia eu sou uma pessoa feliz, né”. A velhice é uma etapa de vida em que vários acontecimentos ocorreram, e chegar a um envelhecimento sadio, faz bem para que o idoso perceba que o que ocorreu no passado, o tornou o que ele é no presente.

De acordo com Beauvoir (1990), o envelhecimento tem uma dimensão existencial, pois altera a relação do homem com o tempo, com o mundo e com sua própria história. Para os idosos sua vida é constituída de histórias, histórias estas que precisam ser narradas, pois, é uma etapa da vida que na qual já foi marcado por tantos acontecimentos, nas outras fases da vida. Estas histórias podem trazer consigo narrativas boas ou ruins, como a do Idoso B:

[...]. Fui uma pessoa, uma criança que não tive infância. Nasci nos seringais, meu pai foi soldado da borracha, vim pra Belém com 14 anos de idade, não sabia nada, nada, nem fazer o nome, vim calçar um sapato com 14 anos de idade, água gelada não bebia, a vida do mato é diferente da cidade, entende. [...]. (Idoso B, 69).

Ao lembrar de suas infâncias na qual o Idoso B vivia, ele trouxe algo pertinente em nossa sociedade até hoje, em que muitas crianças tiveram suas infâncias negadas, não foi como deveria ser vivida. Essas infâncias estão relacionadas com o trabalho infantil, que muitos idosos perpassaram:

Há um caso triste que eu tive na minha vida é que quando eu tinha 9 anos de idade, nós somos oito irmãos, meu pai deu todos os meus irmãos e me barrou, e me

colocou pra trabalhar com 9 anos de idade, a única coisa triste que aconteceu na minha vida. Eu não me esqueço nunca (Idoso D, 62).

O trabalho infantil costuma ser definido como aquele realizado por “crianças e adolescentes”. “A noção de trabalho infantil deve-se aplicar a menores de 15 de idade que trabalham ou se empregam com o objetivo de ganhar o próprio sustento e de suas famílias” (VIVARTA, 2003, p.26). Muitos destes idosos precisaram trabalhar desde cedo para ajudar no seu próprio sustento e de seus familiares.

Freire (1987), a libertação dessa situação de opressão, da vocação do homem em ser mais, em se humanizar, revela-se aqui, nessas lembranças que foram roubadas, na exploração do trabalho infantil, na falta de oportunidades escolares desses sujeitos. Quem mais poderá lutar por essa libertação, a não ser aqueles que dela foram privados? No caso dos velhos, somente eles poderão descobrir, embaixo dessas ruínas do passado, vida pulsante e germinadora de projetos de escolaridade nessa fase da vida.

Bosi (2003), afirma que, diante da nossa experiência de vida, temos o estreitamento e a possibilidade do novo. Somos capazes de ressignificar a nossa trajetória de vida, mesmo com lembranças de algo que marcou na vida. A possibilidade do novo se entrelaça a estas trajetórias de vida também que se espelham nas escolhas que fazemos. Algumas escolhas são consideradas como realizadas de forma objetiva e consciente, outras são consideradas como “acazos”, da sorte, ou azar, com a qual nos deparamos pelas circunstâncias. (BOSI, 2003, p.32). Para a Idosa A, essa escolha foi à mudança de vida através do casamento, relatando que:

Eu sair de casa com 19 anos casei ai tenho três filhos, graças a Deus não me arrependo porque o marido que Graças a Deus, Deus me deu, como a gente sempre foi humilde, graças a Deus, vivo bem até hoje. (Idoso A, 60).

O idoso A, ao recordar sobre seu passado, destacou algo que era comum naquela época da juventude destes sujeitos, a busca da liberdade através do casamento, e ao rememorar este fato possibilita a compreensão em torno de algo que era comum, e era pensado como melhoria na qualidade de vida.

Envelhecemos e com isso expandimos, redimensionando o nosso trajeto. Criamos novas histórias que irão compor as histórias antigas, ocupando espaço em nossa vivência atual. As histórias antigas não são destruídas pela recomposição do presente, mas se transformam, agora, com uma nova configuração, um novo significado, com som de

eternidade. (MONTEIRO, 2003, p. 141). Quando os idosos relatam sua trajetória de vida, nos fatos que estão em suas lembranças, eles demonstraram que o que eles relembram do seu passado, os tornou o que são hoje. Pois, suas experiências são transmitidas de geração em geração, relacionando suas vidas com o que lhe foi vivido, e memorizado, sendo fatos bons ou ruins.

5.2. EXPERIÊNCIAS EM RELAÇÃO COM A TRAJETÓRIA ESCOLAR

Ao trazer suas narrativas sobre sua trajetória escolar os idosos relatam seus motivos por não terem estudado durante a infância ou na juventude. Conforme afirma Flecha (1997), o educando adulto possui uma história pessoal, desenvolvida em contextos específicos que, por sua vez, influenciam a maneira como este educando apreende e interpreta o mundo. Desta forma, é importante conhecer sobre a relação do aluno idoso com a escola anteriormente. O Idoso A relatou que:

Já, eu já estudei até a 5ª série, aí tirei o diploma naquele tempo onde a gente tirava até na 5ª série, depois era, a gente ia pra aí meu Deus, esqueci agora, pra ir pro primeiro, hoje é o 2º grau né, antes não era, não era assim era concluir a 5ª série, e ia pra o científico, se chamava científico. Aí eu tive que parar, porque meu pai, não deixou. Quando eu concluir o primário, que era pra mim sair de lá (referindo sua cidade de origem), porque não tinha estudo pra mim, eu tinha que ir pra outro local pra estudar. Meu pai disse: que dali em diante meu estudo era rabo de inchada, e pra mim foi um desgosto muito grande, porque eu tinha um sonho na minha vida. Que era ser juíza ou doutora (Idoso A, 60).

Assim, como muitas outras histórias o motivo é em torno de não iniciar ou concluir o estudo, por muitas vezes foi relacionado com o trabalho. Ou em outros casos como foi relatado anteriormente estava relacionado o trabalho com o casamento, que durante aquela época era precoce, mas era comum. Idoso B:

A minha vida digamos assim escolar, eu estudei até a 4ª série primária, parei de estudar, porque eu tive que me casar cedo, com 17 anos, e perdi uma boa profissão, naquela época do regime militar, que fazia quem ter estudo, como não ter estudo, mas tinha bastante trabalho, você podia trabalhar e, ganhar um dinheiro razoável, então eu me dediquei no trabalho. [...] (Idoso B, 69).

O motivo para outros era devido não apenas ao trabalho, mas a justificativa é que naquela época não tinha tanta facilidade para se estudar, como se tem hoje em dia, devido a isso não pôde continuar os estudos, Idoso C, relatou que:

Já estudei, eu parei com os meus 14 anos, mas foi bem rápido, porque antes não tinha essa facilidade, tudo era particular, então seu aprendi um pouco ainda a escrever. Eu só sabia escrever meu nome, e questão de matemática. [...]. Evidentemente eu tinha que trabalhar, pra poder tipo, é questão de limpar um poço, é capinar, roçar, justamente vender picolé, pra que justamente pegasse o dinheiro, e pagasse uma professora particular, porque antigamente tudo tinha um custo (Idoso C, 63).

O saber destes idosos lhe foi negado durante muitos anos de suas vidas. Tiveram seu acesso a educação negados quando eles eram crianças por serem de famílias com poucos recursos financeiros. Para Coura (2008), a falta de escolas públicas, a necessidade de trabalharem precocemente e a relação das famílias com o saber escolar, foram motivos que levaram idosos a deixar a escola, ou até mesmo à nunca frequentá-la.

Muitas vezes, o sujeito tinha que abandonar os estudos, pois era mais importante trabalhar para auxiliar no custeio das despesas das suas famílias, ou por algum problema familiar. E a escola ficava em segundo plano. Como o Idoso D:

A minha vida escolar eu comecei a estudar com, deixa eu me lembrar à idade, eu comecei a estudar na primeira série, aqui mesmo nessa escola mesmo. Foi no ano de 63 fui até 69, até a 5ª série, aí parei, meus estudos pra poder trabalhar, teve problema de família entre a mamãe e o papai aquele negócio [...] (Idoso D, 62).

Quando ficaram jovens, a história de vida destes sujeitos não mudou em relação ao seu acesso a educação. Eles casaram-se e a responsabilidade era agora com o sustento de suas famílias e a organização de suas próprias casas. É comum perceber que esse histórico nos estudantes da EJA, tem também a questão econômica que perpassa varias épocas e gerações no Brasil.

Devido a isso é preciso reconhecer que através das experiências destes sujeitos, há a inserção deles para este novo contexto escolar e de aprendizagem, a partir das experiências de vida destes alunos. Para Costa (2001), a aprendizagem deve situar-se diretamente a partir da experiência, pois nenhuma necessidade é mais humana do que a de perceber o significado da própria experiência (COSTA, 2001, p. 37 - 52).

Essa aprendizagem escolar, só é possível se o aluno for valorizado, principalmente seus conhecimentos anteriores, e ao produzir saberes novos, vão sendo incentivados e suas vidas começam a fazer sentido fora da escola, possibilitando que esse idoso seja inserido no mundo letrado. Para o idoso, a experiência é fator relevante para tudo que lhe é proposto.

Quase sempre, o aluno tem “uma história para contar”, uma vivência associada ao conteúdo que está sendo apresentado pelo o professor. As atividades propostas precisam favorecer as colocações do aluno, e o professor deve estar preparado para realizar as associações entre o conteúdo e as experiências relatadas. (SANTOS; SÁ, 1999, p. 94).

5.3. MOTIVAÇÕES PARA RETORNAR À ESCOLA

Cada aluno tem seu motivo ou motivação para estudar, e para o idoso não é diferente. As falas destes educandos sobre os motivos que o levaram a estudar nesta fase de suas vidas vão ao encontro da afirmação de Dayrell (1996, p. 144) afirma que todos os alunos têm, de uma forma ou de outra, uma razão para estar na escola, e elaboram isto de uma forma mais ampla, ou mais restrita, no contexto de um plano de futuro. Idoso A:

A minha vontade de estudar, foi eu mesmo que tomei a decisão. Eu vou estudar, e não vou parar, só se Deus, me parar [...]. (Idosa A, 60).

Há também a necessidade destes sujeitos, a inclusão, pois devido às mudanças tecnológicas que ocorreram ao longo tempo, houve o desenvolvimento, e a necessidade de ser ter conhecimento, por exemplo, como a dificuldade para manusear os aparelhos tecnológicos, como relatou Idoso C:

O motivo foi justamente por essa dificuldade, da questão do celular hoje tem tecnologia, inclusive eu não sei nem colocar a questão do despertador, de relógio, eu já peço pra minha neta, e isso realmente, fica difícil, você ta pedindo as coisas, enquanto que você tem tudo. (Idoso C, 63).

Para Costa *et al* (2006, p. 22), vale ressaltar, que outras motivações levam os alunos jovens e adultos, para a escola, uma delas é a satisfação pessoal, a conquista de um direito, a sensação de capacidade e dignidade que traz satisfação pessoal. Como podemos observar nas narrativas do Idoso B:

[...]. O que me fez voltar a estudar é o desenvolvimento porque eu sentir necessidade de estudar, por motivo que sem o estudo você não vai chegar a lugar nenhum né, não vai chegar a lugar nenhum. Então muita atribulação né, no caso pra você tirar um dinheiro, depende dos outros, pra você escrever uma carta depende dos outros, é uma serie de coisas, no meu caso como eu componho musica fica ruim também pedir pros outros pras pessoas corrigir o português se ta errado você faz de cabeça no meu caso (Idoso B, 69).

Há os idosos que por suas relações de amizade, ou de livre escolha, decidem retornar para a sala de aula. O Idoso D foi motivado por seu círculo de amizade, ao sentirem a necessidade de voltar a estudar relataram que:

Muitos colegas meus, muitas colegas, me motivou. Ai eu fiquei parado no tempo, e depois resolvi voltar né, resolvi voltar pra estudar de novo. (Idoso D, 62).

Para Fonseca (2002, p. 47) uma proposta educativa precisa indagar seus alunos sobre suas próprias expectativas, demandas e desejos para indagar-se a si mesmo sobre a sinceridade de sua disposição e a disponibilidade de suas condições para atendê-las ou com elas negociar. Pergunte-se, pois, alunos e alunas, da EJA: o que motiva seu próprio investimento na educação de adultos que é ele mesmo?

Essas atitudes dos alunos da EJA ao relatarem a sua motivação, a vontade de aprender, nos mostra a persistência para se obter algo. Pois, os alunos buscam a escola para satisfazer á sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não podem participar plenamente quando não dominam a leitura e a escrita. Ao retornar para a escola, eles se permitem a adquirir esse conhecimento.

5.4. DIFICULDADES ENFRENTADAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Ao iniciar o processo de ensino - aprendizagem, estes alunos enfrentam dificuldades em relação a conhecer as letras e os números, por exemplo. Mas há os que não encontraram grandes dificuldades, já sabiam ler e relembrou o que já estudaram no passado. Gadotti (2010, p. 7) afirma que se trata de não desprezar e, sobretudo, não matar a primeira cultura do aluno. Trata-se de incorporar uma abordagem do ensino/aprendizagem que se baseia em valores e crenças democráticas e procura fortalecer o pluralismo cultural um mundo cada vez mais independente. Para o idoso, essa inserção na sala de aula, pode ser no primeiro momento, algo que ele tenha medo, ou o medo pelo novo. O Idoso A, relata que:

A minha maior dificuldade, que eu tinha 44 anos que eu tinha sentado em banco de aula, ai aquilo ali, quando eu cheguei no primeiro dia de aula pra mim parece assim que tava uma bola de neve na minha cabeça. Mas hoje não, hoje já to lembrando, já to, muito das coisas, eu já to capitando, já ta voltando a memória novamente (Idoso A, 60).

Há também a dificuldade que gira em torno de algo cognitivo do aluno, o que dificulta na aprendizagem do mesmo. Muitos sentem dificuldade devido a algum problema relacionado

ao raciocínio, por isso é comum a dificuldade na leitura e na escrita, principalmente para a idade esta fase da vida, ou seja, na velhice. Para o Idoso B:

A leitura e a escrita. Muito complicado. Porque nem tanto ler, até agora ainda tenho dificuldade, mas eu leio, leio direitinho, mas escrever, geralmente falta palavra, não existe uma palavra certa pra mim. Porque eu to descobrindo que eu falo errado, então escrevo errado, então por isso que quero me aprimorar no estudo, pra tentar falar o português mais ou menos correto. [...]. (Idoso B, 69)

Para outros a maior dificuldade a inserção deste sujeito na sala de aula, pois para os que tiveram o contato anteriormente, há anos atrás, e devido às mudanças que ocorreram ao longo do tempo na educação, tudo é novidade para este sujeito. Como relatou Idoso D:

Não tive dificuldade, fiquei com medo só. Porque modernizou os estudos ne, mas eu vou perguntando para os professores, perguntando, eles foram me falando: “não se preocupe que eu vou explicar”. Eles foram explicando e eu fui pegando na cabeça, agora graças Deus eu to com notas boas pra passar, eu to quase passado, ne, e vou continuar se deus quiser, ate o fim. (Idoso D, 62).

Tudo o que se aprende está relacionado ao sistema referencial da realidade. Aprende-se com a própria experiência. Indagação e sede de saber fazem parte da natureza humana. É necessário apenas acionar a capacidade de sentir para que se aprenda com satisfação. Ao aumentar a capacidade de absorver novas informações, estimula-se a percepção das relações entre um conjunto de dados e as estruturas de realidade pessoais, interiores e exteriores. Desse modo, cada fragmento de informação encontra o seu lugar adequado e amplia a integração do todo. (RIBEIRO, 1997, p. 25).

Aos idosos essa inclusão pode ser de forma acessível ou não, há certa dificuldade, mas cabe ao professor reconhecer essas dificuldades e ir ministrando as aulas de forma que os alunos compreendam da melhor maneira, para que o conhecimento seja algo prazeroso.

O aprender é dado a partir das condições adequadas para o ser que aprende. O aprender é relacionado com as contingências de ensino. Para Skinner (1972), um professor, ao montar uma situação de aprendizagem, deve sempre se questionar sobre os reforçadores que estão e irão ser utilizados e na forma como estão dispostas as contingências de reforço. Essas questões podem levar o professor a rever a sua estratégia de ensino, tornando-a mais eficaz. Pois, quando ele usa estratégias que se articulem com as ideias propostas nos resultados de ensino, ele também ganhará na qualidade de educação que ele desenvolve na sala de aula.

Para Kuezer (2002) cabem as escolas, portanto, desempenhar com qualidade seu papel na criação de situação de aprendizagem que permitam ao aluno desenvolver as capacidades cognitivas, afetivas, e psicomotoras relativas ao trabalho intelectual, sempre articulado, mas não reduzido, ao mundo do trabalho e das relações sociais, com o que certamente estarão dando a sua melhor contribuição para o desenvolvimento de competências na prática social. Deste modo, todos os indivíduos são construtores de sua cultura, o desenvolvimento de sua inteligência pode dar-se a partir de saberes já acumulados, o que pode fazer é provocar tentar o nível potencial, trazendo “aproximações”, do seu conhecimento prévio.

5.5. EXPECTATIVAS QUANDO TERMINAR OS ESTUDOS NA EJA

Conforme os idosos vão adquirindo conhecimento, eles vão desempenhando vontades, desejos. Estes, relacionados com o ato de aprender cada vez mais, característica de quem quer crescer intelectualmente, para a melhoria de condições de suas vidas.

Atualmente, há as faculdades, que estão se adaptando para receber este novo público, que esta se inserindo nas salas de aulas, de cursos superiores. Esta nova modalidade de ensino se chama educação permanente. Na qual, alunos idosos da EJA, pretendem ser inserir:

Eu quero terminar, e quero concluir o ensino médio, se Deus me permitir, e vou pra faculdade. Eu pretendo ser ou nutricionista, ou assistente social. (Idoso A, 60).

Olha. É fazer, uma faculdade né. Evidentemente, ser um futuro engenheiro, pela minha experiência, que eu trabalho a mais de 30 anos em construção civil, e a gente ver tantos profissionais bom por aí, né. Hoje existe tanto essa facilidade, tem esse Enem aí. (Idoso C, 63).

Para Furter (1986) a educação permanente é uma dialética, da educação, como um duplo processo de aprofundamento tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que se traduz, pela vida ativa, efetiva e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa existente [...]. Sendo assim, a educação permanente traz a oportunidade através da aprendizagem continuas que tem a finalidade de construir um ser humano capaz de construir sua consciência social e intelectual.

Mas, para outros idosos a expectativa de apenas concluírem seus estudos na EJA, ou muitos não acreditam que possam ir, além da EJA, por motivos de saúde, que acabam

desenvolvendo aquela vontade de aprender, mas salientando que não sabe até quando esse momento irá durar, porém não deixando desestimulando e querendo aprender.

Nas palavras de Paulo Freire, também ganha força o sentido e a sabedoria. Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação de forma histórico-social de estar no mundo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança... (FREIRE, 2001, p.13)

Há casos que vai além da vontade apenas do querer saber ler e escrever. O motivo pessoal faz com que se torna uma expectativa também, para algo que se pretende no futuro. Como para Idoso B que expôs o seguinte:

A minha expectativa é o seguinte, eu quero é quando eu terminar meus estudos, eu quero fazer um livro, contar minha vida, contar a minha história, o meu tempo de infância passar pras pessoa que pensam, que a vida não é como a gente ta pensando, tem muita gente sofrida no nosso estado, no nosso país. Então eu quero relatar, a minha vida, a minha história de vida, da minha família, da onde eu vim descendente de quem eu sou. (Idoso B, 69).

Para Costa *et al* (2006, p. 11), grande parte dos alunos que buscam a escola, espera dela um espaço que atenda as suas necessidades como pessoas e não apenas como alunos que ignoram o conhecimento escolar. Por outro lado, todos eles acreditam que a escola possa imprimir-lhes uma marca importante por isso apostam nela. A escola ou a faculdade são possuidoras de elementos que para os idosos que contribuem na sua formação do presente momento que estão vivendo.

Muitas são as expectativas destes idosos, ao terminarem seus estudos na EJA. Alguns pretendem cursar o nível superior, outros não sabem se irão conseguir terminar seus estudos devido a problemas de saúde. Mas, há quem gostaria de saber ler e escrever, para compartilhar sua história de vida com as pessoas, para isso há presença da memória. Podemos inferir Pierre (1993), que afirma o dever da memória, que faz de cada um o historiador de si mesmo. Ou seja, cada um sabe do seu passado, e através dele podemos mudar nossos horizontes de vida.

5.6. A IMPORTÂNCIA DA EJA PARA ESSES IDOSOS

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que é destinada para aqueles que não tiveram oportunidades educacionais aqueles que não a tiveram em idade própria ou a que tiveram em forma insuficiente, estes são assegurados pela Lei nº 9.394, art. 7.

E, diante disso há EJA surge para mudar a atual situação de jovens, adultos e idosos, que se encontram - se em situação de analfabetismo no país. Para o Idoso D, a importância corresponde:

Eu acho ótimo né. Espero que todos que tão, que não estão com o estudo completo, que venha e complete que é bom, é ótimo né, completar os estudos né, chegar né, eu achei bom né. (Idoso D, 62).

Para os idosos é ainda mais significativo o ato de estudar. E ter essa oportunidade de estudar, é algo que os motiva bastante, eles passam a complementar suas vidas de outras formas. E esta forma seria na obtenção de conhecimento. Então a educação mesmo que nessa etapa da vida, é algo importante. Como afirmam Santos e Sá (2000), “[...] a educação, portanto, é um dos meios para vencer os desafios impostos aos idosos pela idade e pela sociedade”.

Pra mim a importância é a gente não ficar parado, pensando assim, fazendo besteira, e a gente botar a mente pra ativar, funcionar, e aprender coisa boa. [...]. É bom saber, é bom a gente ter conhecimento, pra gente não ficar a mercê de quem tem conhecimento, você tendo conhecimento, a gente num tá a mercê de ninguém, você bota o que você sabe, na prática (Idosa A, 60).

É importante também, devido ao manusear seus documentos, por muito tempo devido à falta da leitura e da escrita, eles passavam por restrições quando precisavam assinar seu próprio documento de identificação, isso lhes causava desconforto, mas com a EJA, essa situação esta mudando e muitos já assinam seus documentos pessoais.

A escola que voltada a Educação de Jovens e Adultos, é um local que há o confronto de culturas e, como qualquer outro lugar que há a interação social, há a suas singularidades. Mas, o processo de ensino - aprendizagem se pauta na construção e reconstrução de conhecimentos. Segundo Carvalho (1998) “As evidências são inequívocas: a educação aumenta significativamente a percepção dos direitos civis e políticos, aguça o senso crítico dos cidadãos, incrementa a disposição das pessoas de se organizarem para a ação coletiva, acresce o grau de envolvimento político, melhora a qualidade do voto. Em médio prazo, não

pode haver melhor política de promoção da cidadania do que um forte investimento na educação em todos os seus níveis.”

Olha hoje é totalmente diferente. Porque a gente a ver tantas coisas acontecendo, dos nossos jovens né, e a gente precisa, dos nossos jovens pra representar, a gente ver tantas coisas erradas, quem dera a gente pudesse mudar isso, a gente ver dos nossos governantes, com certeza se a gente não tivesse educação nenhuma, se não soubesse a nossas leis, seria ótimo pra eles. (Idoso C, 63).

Quando há atividades gratificantes, os idosos vão se adaptando melhor ao envelhecimento e se sentem mais felizes e satisfeitos, permitindo-os a ajudar até mesmo em um problema de saúde.

[...], vai fazer o que uns dois anos que voltei a estudar, assim por causa da doença porque eu tive um AVC, não trabalho mais, me aposentei, e voltei a estudar né, pra preencher um vazio tipo, uma fisioterapia que eu to fazendo no estudo (Idoso B, 69).

De uma maneira em geral, fica cada mais evidente que é muito importante a Educação de Jovens e adultos, pois além da formação escolar, eles criam vínculos e amizades, onde tudo é importante para que os idosos tenham a oportunidade de obter conhecimentos, pois estamos vivendo em sociedade de rápidas transformações, e ao incluir o idoso em uma sala de aula, estamos permitindo uma nova significação de suas vidas, em suas experiências passadas, em seu presente e posteriormente para o seu futuro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a análise a partir da oferta de educação para os idosos dentro da modalidade de ensino da EJA notamos que há vários discursos acerca de como está ocorrendo o processo de escolarização destes sujeitos. Sabemos que ainda há uma precariedade da educação, o analfabetismo entre jovens e adultos ainda é muito presente, e entre os idosos é ainda maior, pois, há vários fatores que contribuem para a péssima qualidade de ensino destes sujeitos. Porém, a ideia central, foi a respeito das narrativas destes sujeitos idosos, e a valorização para a aquisição na melhoria na educação.

De acordo com Cachioni (2003), voltando a estudar, o individuo na idade madura e o idoso tem a chance de mudar o rumo da sua vida, redimensioná-la e redirecionar suas ações

para ter liberdade de escolha, emergir com novos pensamentos, novas maneiras de ser e estar no mundo, o que tende a provocar mudanças na sua qualidade de vida.

Quando os alunos narraram suas histórias de vida pessoal e escolar, eles trouxeram a reflexão acerca da particularidade de experiências que cada sujeito possui, através de seus relatos de vida em que articula com a sua vida escolar atual, trazendo suas considerações em torno de sua motivação, importância, dificuldade e expectativas em torno da EJA.

Portanto, o que se espera a partir dos resultados da pesquisa é promover a melhoria na qualidade de vida destes sujeitos, mas deverá haver uma reflexão e incentivos para que esta permanência nas salas de aula seja significativa, e através dos relatos de experiências dos alunos idosos, eles contribuíram para que a modalidade de ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) seja ressignificada. “[...]. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação [...]”. (ADORNO, p.151).

No cotidiano é que os alunos se encontram com o mundo e vivenciam as mais diversas situações e embates. E nessa realidade é que os estudos devem estar pautados, lembrando-se de fazer com que esses alunos tomem consciência da cidadania e de suas responsabilidades como cidadãos críticos dispostos a mudar a realidade onde se encontram de forma positiva (FREIRE, 1997).

Deste modo, a pesquisa foi importante para se compreender questões relacionadas às experiências, memórias e o processo de escolarização dos idosos, tornando a pesquisa importante para poder obter resultados significativos para a valorização e a melhoria na qualidade de ensino de alunos idosos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T.W. Educação - para que. In_____. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1995. p. 139 - 154.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARENA, Adriana Pastorello Buim. **A leitura de jornal e a exclusão de idosos**. Revista ACOALF Aplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 5, n. 9, 2010/ 2011.
- BARRETO, S.; GIATTI, L. M. **Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil**. (Cadernos de Saúde Pública). Rio de Janeiro, v.19, n. 3, maio/jun. 2003.
- BEAUVIOR, S. **A velhice**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BELLO, José Luiz de Paiva. **Movimento Brasileiro de Alfabetização MOBRAL**. História da Educação no Brasil. Período do Regime militar. Pedagogia em foco, Vitória, 1993.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3ª Ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
- BOSSI, E. **Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRANDÃO, V. M. A. T. & MERCADANTE, E. F. **Envelhecimento ou Longevidade?** Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano. São Paulo: Paulus, 2009.
- BRASIL. **MEC: SEDUC** (Secretaria de Educação Continuada). 2007.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso: Lei n. 10.741, de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso**. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003.
- BRASIL. **Ministério da Previdência e Assistência Social. Secretaria de Assistência Social. O idoso na sociedade Brasileira: diagnóstico preliminar**. _____. Plano de Ação Governamental Integrado para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso. Brasília, DF, 1996.
- BRUNS, M. A. T. **Envelhecimento: a morte dos sonhos ou o gerenciamento do tempo. A terceira idade**. São Paulo, v. 13, n. 25, ago, 2002.
- CACHIONI, M. **Quem educa os idosos: um estudo sobre professores de universidades da terceira idade**. Campinas: alínea 2003

CAMARANO, A. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros** - Rio de Janeiro, IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Educação e Cidadania**. Trabalho preparado para o X Fórum Nacional. Rio de Janeiro, 1998.

CARVALHO, Roberto Muniz Barreto de. Educar com alegria. **George Synders: Em busca da alegria na escola**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1996.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer e a amizade**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

COLL, Cesar. PALACIOS, J. MARCHESI, A. (Org) **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Psicologia da Educação**. vol. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COSTA, Maria das Graças Pereira. **Ecologia da Escola: capacitação de professores por meio da educação à distância**. Revista Educação em Foco, Juiz de Fora, n.5, 2001.

COURA, Isamara Grazielle Martins. **A terceira idade na educação de jovens e adultos: expectativas e motivações**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

COSTA, Elisabele. ÁLVARES, Sonia Carboneli, BARRETO, Vera. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos**. Caderno almas e alunos EJA, Brasília: coordenadoria geral de educação de jovens e adultos, 2006.

CUNHA, Luiz Antonio. **Unificação e segmentação no ensino brasileiro**. Rio de Janeiro. UFRJ, 1999.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural**. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DIAS, A. M. **O processo de envelhecimento humano e a saúde do idoso nas práticas curriculares do curso de fisioterapia da UNIVALI campus Itajaí: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

DOLL, J. **Educação e envelhecimento – fundamentos e perspectivas**. In: Revista à Terceira Idade, v. 19, nº 43. São Paulo: SESC-GETTI, 2008.

FLECHA apud GARCIA, Stella de Lourdes. **Alfabetização de adultos: experiências sociais, culturais e pessoais proporcionadas pelo início do processo de alfabetização**. São Paulo: Unitrabalho - Fundação Inter universitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho; Brasília, DF: Ministério da Educação. SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

FONSECA, Maria da C. dos Reis. **Educação matemática de Jovens e Adultos - Especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz na terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz na terra, 1998.

_____. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FURTER, Pierre. **Utopia e educação**. In: Educação e Reflexão. Petrópolis: Vozes, 1972.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. – 11 ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo freire. Guia da escola cidadã. v. 5, 2010.

GHIRALDELL, Paulo Jr. **História da educação brasileira**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GUARDINI, R. A. **A aceitação de si mesmo - As idades da vida**. São Paulo: Palas Athenas, 1987.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, 2000.

HALBWACHS, M. A. **memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HEIDEGGER, Martin. **La esencia del habla**. In: De camino al habla. Barcelona: Edicionaes Del Serbal, 1987.

HEINZ, Tatiane. **Memórias e experiências das mulheres na educação de jovens e adultos em São José/SC**. Trabalho de Conclusão do Curso (Monografia), Centro Universitário Municipal de São José – USJ, Santa Catarina, 2012.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 2004.

KUENZER, Acácia Z. **Conhecimento e competência no trabalho e na escola**. Boletim Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, maio/agosto, 2002.

LAKATOS, E. M., MARCONI. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, E. M., MARCONI. de A. **Metodologia científica**. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LIMA, Mariusa Pelloso. **Gerontologia educacional: uma pedagogia especifica para o idoso: uma nova concepção de velhice** – São Paulo: LTr, 2000.

MASCARO, Sônia de Amorim. **O que é velhice**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MENDES, M. R. S. S. B.; GUSMÃO, J. L.; FARO, A. C. M.; LEITE, R. C. B. O. **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração**. Acta Paul Enferm.; vol.18, n. 4, 2005.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MORGADO, J. C. **O estudo de caso na investigação em educação**. Santo Tirso: De Facto, 2012.

NASCIMENTO, Sandra Mara do. **Educação de Jovens e Adultos EJA, na visão de Paulo Freire**. Universidade tecnológica do Paraná. Monografia (Especialização), Paranavaí - Paraná, 2013.

NERI, Anita Liberalesco; CACHIONI, Meire. **Velhice bem sucedida e educação**. In: _____; DEBERT, Guita Grin (Orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – Características, usos e possibilidades**. São Paulo, 1996.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, 1993.

OLIVEIRA, Marta. **“Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.” In: Educação de jovens e adultos: novos leitores e novas leituras**. RIBEIRO, Vera (Org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

ORDENEZ, T. N; CACHIONI. **Motivos para frequentar um programa de educação permanente: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo**. In: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 14, n. 3, Rio de Janeiro: 2011.

PAULA, Claudia Regina de; OLIVEIRA, Márcia Cristina de. **Educação de jovens e adultos: a educação ao longo da vida**. Curitiba - IBPEX, 2011.

PEREIRA, J. M. M. **A escola do riso e do esquecimento: idosos na educação de jovens e adultos**. In: *Educação em foco* Juiz de Fora, MG: UFJF, v.16, n. 2, set. 2011/fev. 2012.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 7. ed. São Paulo: Cortez 1991.

PY, L. **De estrelas e brilhos infinitos. A terceira idade**. São Paulo: SESCSP, v. 17, n. 35, 2006.

RIBEIRO, A E. A. **Educação: ampliando possibilidades de entendimento**. *Revista Saúde, Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 10, abr.-jun. 1997.

ROMÃO, J, R; GADOTTI, M. **Educação de adultos. Identidades, cenários e perspectivas**. Brasília, líber livro, 2007.

SALGADO, M. A. **O idoso no próximo século**. 1999.

SALTHOUSE, T. A. **The nature of the influence of speed on adult age differences in cognition**. *Developmental Psychology*, 1994.

SANTOS, Andréa Temponi dos Santos; SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. **De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade**. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. (Org.). E por falar em boa velhice. Campinas: Papirus, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. ver. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Jerry Adriani. **Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos – EJA: tudo junto e misturado**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010.

SKINNER, Burrhus Frederic.. **Tecnologia do ensino**. (Trad. Rodolpho Azzi) São Paulo: Herder, Ed. da Universidade São Paulo, 1972.

SOARES, L. J. G. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DPEA, 2002.

TÓTORA, Silvana. **Geneologia da velhice**. Revista Ecopolítica, São Paulo, n. 6, mai-ago, p. 2-18, 2013.

VIVART, Veet. **Crianças invisíveis: enfoque sobre o trabalho infantil doméstico e outras formas de exploração**. Coordenação Veet Vivart. – São Paulo: Cortez. Série mídia e mobilização sócia; v.6, 2002.

VÓVIO, Claudia Lemos. **Formação de educadores de jovens e adultos: a apropriação de saberes e práticas conectadas à docência**. In: DALBEN, Ângela et al. Coleção didática e prática de ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

8. APÊNDICES



Termo de Consentimento

À Direção da Instituição

Eu, Nayara Sena Oliveira, estudante do curso de Pedagogia, ofertado pela Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Castanhal, venho por meio deste solicitar autorização para realizar uma pesquisa com idosos que frequentam esta instituição. O tema pelo qual pretendo desenvolver trata sobre “Narrativas de pessoas idosas e suas experiências na Educação de Jovens e Adultos (EJA)”.

As questões norteadoras do estudo têm como objetivos:

- Discutir sobre a importância do uso da memória e de experiências de vida para o processo de escolaridade;
- Compreender as dificuldades de aprendizagem de pessoas idosas na EJA;
- Analisar as expectativas e as dificuldades das pessoas idosas inseridas na EJA.

Diante disto, a presente proposta pretende desenvolver um diálogo com os idosos, colocando relevo suas vivências diárias com seus pares.

O processo de investigação consistirá em recolha de informações com base em entrevistas semiestruturadas e aberta, com os idosos para obtenção de informações sobre suas experiências.

No respeito aos princípios éticos a considerar neste tipo de estudo, informamos que o tratamento das informações assegurará o anonimato dos sujeitos pesquisados.

Face ao exposto, faz necessário explicar o consentimento desta instituição de modo a:

- Autorizar a participação, na presente pesquisa, dos idosos.

- Permitir que durante os dias da pesquisa, a investigadora possa participar das atividades quotidianas dos idosos;
- Autorizar a realização e gravação de entrevista com os idosos;

A investigadora por sua vez compromete-se:

- Assegurar as necessárias autorizações legais para a realização da investigação;
- Informar aos idosos acerca da natureza da investigação e ainda tornar explícito que sua participação no estudo é livre podendo deixar de participar a qualquer momento, se for sua vontade;
- Salvar o anonimato dos idosos.

Agradeço a vossa colaboração,

A investigadora,

Castanhal, 16 de Novembro de 2017.

Conheço a investigação proposta e dou o meu consentimento nos termos aqui formulados.
À Direção,



Consentimento da Pesquisa

Eu _____, quero participar desta pesquisa, através de conversa.

Fui informada (o) pela Nayara Sena Oliveira que a minha participação não é obrigatória e a qualquer momento posso desistir de participar desta pesquisa.

Serão respeitados meus interesses e vontades, por isso posso sempre sugerir alguma atividade ou tema. Ninguém vai saber o meu nome, para que o estudo não traga qualquer risco, sendo assegurada a confidencialidade e proteção das informações recolhidas.



ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A COLETA DE DADOS

Nome:_____

Idade:_____ Sexo: () F () M Estado civil:_____

Natural de:_____Grau de escolaridade:_____

Ocupação atual:_____

1. Relate sobre algo que você mais recorda da sua vida.
2. Conte sobre suas experiências em relação a sua trajetória escolar.
3. Alguém lhe motivou a estudar?
4. Qual foi a sua maior dificuldade quando iniciou na EJA?
5. Quais são suas expectativas quando terminar os seus estudos na EJA?
6. Para você qual a importância da Educação de Jovens e Adultos?